

RESENHA



(Auto)Destruição do capital segundo Harvey

HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. Boitempo Editora. São Paulo, 2016.

Sergio Quintero Londoño*

Da mesma maneira que em anos anteriores tinha se debruçado sobre os *temas quentes* e fundamentais para entender a sociedade capitalista, nesta ocasião, David Harvey apresenta uma análise sobre as contradições do capital, suas manifestações contemporâneas (especialmente apontando os impactos da crise financeira de 2007-2008) e algumas ideias para a prática política anticapitalista.

17 contradições e o fim do capitalismo, escrito em 2016, trata algumas das contradições mais profundas do capital a partir da crítica de Marx à economia política, faz uma abordagem do motor *econômico que move o capitalismo*. Harvey traz de novo uma (polêmica) diferenciação entre capital e capitalismo e decide analisar as contradições do capital, entendendo que são estas as que constituem a forma específica de desenvolvimento do modo de produção e reprodução que rege as relações sociais no mundo contemporâneo.

Este livro faz parte do *Projeto Marx* a partir do qual, desde há quase 20 anos, David Harvey aborda diferentes temas desenvolvidos ou apontados por Marx. No entanto, o tratamento de Marx nas análises de Harvey é de longa data. Os estudos marxistas que o autor realiza desde os anos 70 do século passado mostram seus frutos, contribuindo de forma

* Assistente social e candidato a *Doutor* em Serviço Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *Correspondência*: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Serviço Social - Rua São Francisco Xavier, 524, 8º andar, Bloco D/CEOI - Maracanã, Rio de Janeiro/RJ. *Email*: <seranquilog@gmail.com>.

criativa na construção do *corpus teórico*, combatendo determinismos técnicos ou econômicos, assim como propostas superficiais e fragmentárias que, ao contrário de enfrentar o capital, permitem sua reprodução.

Sem negligenciar as contradições do capitalismo, e outras que têm se apresentado em diferentes modos de produção, tais como racismo, cultura patriarcal, xenofobia, homofobia, entre outras, o autor decide focar sua análise no capital, entendido como o cerne da sociedade fundada na produção e reprodução do valor. O seu objetivo é fazer um diagnóstico (a maneira de raio X) da forma como o capital se desenvolve na contemporaneidade e indicar o que significa hoje construir uma análise e um agir anticapitalista.

Apresentado pelo autor como *um livro potencialmente perigoso, fertilmente provocador*, combina uma rigorosa análise científica e política que permite reconhecer o caráter predador do capital e ao mesmo tempo, sua possível e necessária superação.

O velho propósito de Karl Marx de apresentar o caráter contraditório do capital é retomado em *17 contradições...* chamando a atenção sobre o fato de encontrar no seu próprio interior o potencial superador desta sociedade. O caráter alienante do capital pode ser superado como desdobramento das suas tensões internas, sendo elas de ordem política e econômica. No entanto (e sobre isso Harvey faz ênfase), a superação do capital não é uma consequência automática e inevitável do seu metabolismo. Mais uma vez, Harvey avança no seu projeto de incorporar a teoria de Karl Marx, de face às condições do nosso tempo.

A ideia de crise aqui apresentada não sugere a queda do capital pelo seu próprio peso, pois tem demonstrado sua capacidade de adaptação para reproduzir a lógica sob a qual se sustenta (por exemplo, os aparentes limites ambientais), aprofundando e prolongando o sofrimento da grande maioria da população do planeta. Segundo todas as indicações e o contexto analisado no livro, mais do que nunca toma vigência a contradição entre socialismo ou barbárie.

A crítica madura de Marx ao capital é colocada sob a sociedade contemporânea; reconhece a importância dos livros I e II de *O Capital*, e faz uma crítica (que também pode ser entendida como uma autocrítica) da esquerda marxista, que tem priorizado a leitura do processo de produção (em detrimento de outras esferas sociais). Esse limite no tratamento da crítica da economia política, segundo Harvey, tem gerado erros de análise política e teórica, o que limita o potencial revolucionário de diversos setores sociais e de camadas da classe trabalhadora.

Algumas ideias introdutórias *sobre a contradição* apresentam o entendimento dialético de Harvey; complementam (ou talvez seja melhor dizer), superam “clássicas” abordagens sobre essa categoria feitas por Mão Tse-Tung e Louis Althusser. Entanto esses autores tinham elaborado concepções mais abstratas (políticas ou filosóficas), em *17 contradições...* se aborda

a estrutura e dinâmica constitutivas do capital (*o seu motor econômico*), indicando que elas exigem invenção e criatividade.

Longe de assumir de forma pejorativa ou apologetica as contradições, no livro se expressa o seu caráter dinâmico:

Contradições não são todas ruins, e não é minha intenção insinuar conotações automaticamente negativas. Elas podem ser uma fonte fecunda de mudanças pessoais e sociais, das quais saímos muito melhores. Nem sempre sucumbimos a elas e nos perdemos nelas. Podemos usá-las de forma criativa. Inovar é uma das maneiras de sair de uma contradição. (HARVEY; 2016, p.16)

Mesmo que tragam potencial transformador para criar “outras coisas”, na sociedade contemporânea, as contradições do capital se transformam facilmente em crises, negando direitos de amplos setores sociais, e até vulnerando a vida de milhões de pessoas no mundo todo.

As contradições, ainda mais no capitalismo, não se resolvem de maneira definitiva; elas podem se desdobrar o transformar, trazendo novas contradições, o que exige respostas permanentes por parte da humanidade. É normal encontrar que o capital desloca suas contradições, jogando os impactos negativos das crises sob os setores sociais mais empobrecidos. Em pleno século XXI, a proposta de Harvey é avaliar se devemos nos preocupar em reeditar as contradições do capital, convertidas em crises a grande maioria das vezes, ou procurar superar o modo de produção, abrindo novas alternativas que permitam o pleno desenvolvimento das nossas potencialidades humanas. A forma anticapitalista de abordar o contexto contemporâneo coloca na ordem do dia o enfrentamento das duas alternativas “modernizadoras” que circulam com maior difusão nos centros de pensamento e organizações políticas anacrônicas: a proposta neoliberal e o keynesianismo.

Três tipos de contradições são identificadas, no entanto, todas elas fazem parte de uma totalidade complexa que compõe a relação capitalismo-capital. As contradições fundamentais (as primeiras 7), denominadas dessa maneira pois se entende que *o capitalismo não funciona sem elas*; as contradições mutáveis (as 7 seguintes), *a partir das quais os movimentos sociais e políticos podem construir alternativas ao capital*; e as contradições perigosas (as últimas 3), visto que *podem vir a degradar a vida da grande maioria da população do planeta, até pôr em perigo a vida humana e da natureza*¹.

¹ As 17 contradições são as seguintes: 1. O valor de uso e o valor de troca, 2. O valor social do trabalho e sua representação pelo dinheiro, 3. Propriedade privada e Estado capitalista, 4. Apropriação privada e riqueza comum, 5. Capital e trabalho, 6. Capital como processo ou como coisa? 7. A unidade contraditória entre produção e realização, 8. Tecnologia, trabalho e descartabilidade humana, 9. Divisões do trabalho, 10. Monopolização e competição: centralização e descentralização, 11. Desenvolvimentos geográficos desiguais e produção de espaço, 12. Disparidades de renda e riqueza, 13. Reprodução social, 14. Liberdade e dominação, 15. Crescimento exponencial infinito, 16. A relação do capital com a natureza, 17. A revolta da natureza humana: alienação universal.

As 17 contradições, apresentadas de forma detalhada e cuidadosa, podem ser resumidas da seguinte maneira: no marco do capital e da sociedade capitalista *o valor de troca obscurece o valor de uso*; o valor de troca representa o valor social do trabalho e *adquire a forma dinheiro*, chamando a atenção e os desejos das pessoas, o que leva a estabelecer uma clara relação *fetichista* entre a relação representada e o objeto que a representa. Os comerciantes, e em geral a grande maioria das pessoas imersas no mercado veem preços e não valores, endeusando o capital-dinheiro e negligenciando as relações sociais. A acumulação de *capital-dinheiro* como forma de poder social se baseia na, e reproduz a *propriedade privada*, em detrimento de valores coletivos e socializados.

Na relação contraditória entre a forma individualizada (privada) e valores sociais coletivos, o Estado capitalista garante as condições de reprodução do capital, mesmo que no marco da luta política, a institucionalidade estatal possa ser um campo de disputa de interesses antagônicos.

Além da normatividade legal e das estruturas institucionais, o capitalismo tem de fazer uso de *práticas ilegais e criminosas* para garantir o desenvolvimento do mercado. As formas de exploração capitalista típicas da “acumulação primitiva” não desaparecem, senão que se combinam com formas de espoliação ocorrida fora do campo da produção. Os trabalhadores não só sofrem com a exploração no processo de produção ao ter que vender sua *força de trabalho* e produzir mais-valor, senão que também são submetidos a rentistas (rurais e urbanos), banqueiros e especuladores, *o que exige uma leitura muito mais ampla daquela que limita a análise do capital à luta política entre capital e trabalho* (entendida como capitalista e trabalhador).

Contrário ao que pensa boa parte dos setores de esquerda e alguns herdeiros da tradição marxista, o capital não é só coisas ou riqueza social acumulada, é também um tipo de relação social específica caracterizada pelo movimento permanente e a valorização do valor. Na relação estruturada pelo capital não se deve levar em conta apenas a análise sobre a *produção*, senão também aquela que corresponde à *realização* do valor; pois a primeira sem a segunda constitui claramente uma crise capitalista.

Tanto para a *produção* como para a *realização*, o desenvolvimento científico e tecnológico são fundamentais para melhorar as condições do capital, dado que permitem aumentar a produtividade, o controle efetivo sob a força de trabalho, a comercialização das mercadorias e a criação de uma cultura do consumo. Entretanto, nesse desenvolvimento também se encontram potencialidades emancipatórias que podem vir a produzir valores de uso e permitir o aproveitamento produtivo e criativo do tempo livre.

No marco do capital, a principal contradição gerada com o desenvolvimento tecnológico é a *alteração na composição orgânica do capital* (embora Harvey não utilize a expressão marxiana) dado que, o capital

cada vez precisa menos força de trabalho no processo produtivo, ainda que seja esta a única que pode criar valor e mais-valor. Com isso, *o desenvolvimento do capital se torna uma negação de si mesmo*.

A contradição “econômica” do valor se acrescenta com o *exército industrial de reserva* e o aumento da população descartável, não só pelas possíveis revoltas políticas que essa população possa protagonizar, senão também pela diminuição do consumo, obstaculizando a plena rotação do capital. Desse modo, a crise assume duas formas, uma política e outra econômica.

A crescente *divisão social e técnica do trabalho* se expressa não só em termos de gênero, raça e etnia mas também em termos de países e regiões, acrescentando a divisão internacional do trabalho, em favor da concentração e centralização do capital, o que leva ao fortalecimento dos monopólios. O poder crescente do imperialismo rompe com o mito liberal burguês da livre competência, ao tempo que acrescenta as desigualdades sociais e o antagonismo entre classes sociais. A diferenciação geográfica do capital baseada na transferência de valor, cada vez distancia as regiões mais ricas das outras mais pobres (desenvolvimento desigual). A expansão geográfica do capital tradicionalmente é utilizada para garantir a *realização*, ou para produzir de forma mais lucrativa e rentável em regiões periféricas. Porém, essas medidas são temporais e cada vez mostram mais limites; o capital não mostra estabilidade plena, pois enquanto em uma parte vai bem, em outra vai mal.

A divisão do trabalho traz uma das contradições mais brutais do capital: se por um lado cria riqueza e aumenta a produtividade, por outro gera uma *alienação* generalizada dos trabalhadores perante seu produto, seu processo, sua classe, e até de si mesmo. Os trabalhadores ao sofrer tal grau de *alienação*, perdem o sentido criativo e de bem-estar da vida. A contradição se encontra no fato de que a divisão do trabalho cada vez requer de força de trabalho mais qualificada e educada, aspecto que potencializa o senso crítico dos trabalhadores em face do capital. Mesmo que o capital crie formas culturais e ideológicas afins aos seus objetivos, modele a vida cotidiana e a reprodução social mercantilizada e monetizada, a educação dos trabalhadores e a construção de outros valores sociais (outro sentido de vida), abre possibilidades para sociedades alternativas ao capitalismo.

Na sociedade contemporânea, o neoliberalismo assume a forma mais eficiente de produzir o capital (no local de trabalho) e garantir a reprodução social na vida cotidiana de acordo com princípios éticos e morais individuais. O Estado de bem-estar continua a ser desmontado, e os indivíduos são responsabilizados por seus fracassos pessoais, desconhecendo as razões estruturais das suas condições materiais e subjetivas. Segundo Harvey, é preciso exigir alguns direitos garantidos pelo Estado de bem-estar (que tem sido negados pelo neoliberalismo), ao tempo que se cons-

troem novas alternativas de sociabilidade ao interior das famílias e na vida cotidiana.

A humanidade terá de repensar as formas de produção e reprodução, ou cada vez se verá mais pauperizada, aumentando a intensidade das contradições e colocando em perigo o funcionamento do capital e o bem-estar da maioria da população. O combate ao crescimento exponencial infinito (que se baseia na atualidade no capital fictício e especulativo), e uma nova compreensão e relação com a natureza são pressupostos fundamentais para criar formas de vida razoáveis.

A possibilidade de tempo livre, uma educação qualificada, a construção de novos valores éticos, a garantia de direitos individuais e coletivos e o acesso pleno aos valores de uso necessários (todas elas potencialidades latentes no capital) podem criar alternativas anticapitalistas que brindem bem-estar a toda a humanidade, sem distinção de gênero, raça, etnia ou classe social. O enfrentamento às contradições perigosas necessariamente requer pensar uma sociedade para além do capital, superando visões sectárias, petrificadas e anacrônicas que, segundo Harvey, há mais de 30 anos vem sendo derrotadas pelo capital. Criatividade, comprometimento e autodisciplina são princípios irredutíveis para pensar alternativas anticapitalistas.

Harvey é claro em fazer visível a suposta incapacidade da esquerda tradicional para pensar opções anticapitalistas aglutinadoras e aponta com firmeza para setores comunistas, ou aqueles mais inspirados na visão política da contradição capital-trabalho. Não obstante, nesse contexto reconhece que é a partir da consciência e da organização política de diversos e variados movimentos sociais, de onde podem surgir alternativas reais para construir outro tipo de sociabilidade de reprodução.

Depois da rigorosa exposição ao longo do livro, Harvey conclui seus argumentos trazendo à tona respostas efetivas contra a irracionalidade do capital. É louvável a forma como reconhece que as respostas efetivas devem surgir dos contextos e setores diferenciados sem perder de vista uma visão universal de sociedade.

A exaltação a Frantz Fanon no encerramento do livro é o equilíbrio que alcança Harvey entre uma análise científica competente e um compromisso político militante. Longe de ver as respostas anticapitalistas nos cenários de formação intelectual, o autor enxerga respostas viáveis no interior das mais diversas camadas da população trabalhadora e não trabalhadora que é explorada e dominada pelo capital.

DOI: 10.12957/rep.2016.27871



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.